

humanitas


Vol. LI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LI • MCMXCIX



teóricas (referentes a esta língua) mais frequentemente debatidas nas gramáticas de então. Além disso, vale a pena ler um estudo que revela como essas considerações teóricas e as rubricas constitutivas da gramática da denominada “língua sagrada” documentam uma terminologia que nos habituámos a encontrar nas gramáticas das línguas clássicas (grego e latim), apesar da diferença abissal que separa destas as línguas semíticas.

Virgínia Soares Pereira

LAURENTIVS VALLA, *De reciprocatione 'sui' et 'suus'*. Édition critique avec une introduction et une traduction par Elisabet Sandström. Göteborg, Acta Vniuersitatis Gothoburgensis, 1998. xcvii + 91 pp.

Num volume de excelente e sóbria apresentação gráfica, o leitor interessado dispõe agora da primeira edição crítica do *De reciprocatione 'sui' et 'suus'* (em abreviatura: *RSS*) de Lorenzo Valla. O texto estava longe de ser desconhecido: sendo a sua primeira edição de c. 1471, em Paris, sucederam-se as impressões: entre muitas outras, a famosa edição de Basileia de 1540 voltou a ser publicada em 1543 e é retomada na edição dos *Opera Omnia* de Valla preparada por Eugenio Garin em 1962. O Apêndice I (pp. 77-80) contém um largo repertório, embora declaradamente não exaustivo, das edições dos séculos xv, xvi e xvii que incluem a obra em apreço. Segundo a autora da presente edição justificava-se, contudo, uma edição crítica, porquanto as existentes continham deficiências a necessitar de correcção.

A obra está organizada em duas partes. A primeira (pp. ix-xcvii) é consagrada à “Introdução” e desenvolve os seguintes pontos: 1. A obra, o autor e a datação; 2. As *Elegantiae*, o *RSS* e a tradição gramatical; 3. O estabelecimento do texto; 4. Observações à edição crítica e à tradução. A segunda parte (pp. 1-91) engloba a edição crítica (com aparato crítico e aparato de fontes) e, *pari passu*, a tradução, acompanhada de abundantes e esclarecedoras notas, que comentam certas opções tomadas na fixação do texto. Seguem-se dois apêndices, a Bibliografia e, a fechar, um “Index Fontium”.

Escrito entre 1449-1450, o *RSS* é um opúsculo de teor normativo que, segundo o próprio Valla, deve ser considerado um complemento às *Elegantiae Linguae Latinae*, a sua obra de maior fôlego (e a verdade é que figura geralmente depois do livro VI das *Elegantiae*, nas edições dos séculos xv, xvi e xvii). Na carta prologal que dirige a Giovanni Tortelli d’Arezzo, que conhecera em Florença e a quem dedica o opúsculo, Valla solicita ao amigo benevolência e não desprezo por uma obra que, aparentemente sem interesse, se revela da mais alta importância para quem quiser aprofundar os seus conhecimentos numa matéria que, à semelhança do labirinto de Creta com o seu Minotauro, tantas dificuldades levanta. A fim de dar conta destas dificuldades – mas confiante em que será capaz de as ultrapassar (a confiança dos humanistas!) –, Valla compara o pronome da terceira pessoa ao deus Plutão e ao lugar que ocupa entre os seus outros dois irmãos (Júpiter e Neptuno), recorrendo a este

argumento muito pouco científico mas grandemente sugestivo: assim como a terceira pessoa dispõe, em confronto com as restantes, de um maior leque de designações, assim ela deve ser equiparada a Plutão, pois este é detentor de um nome que em grego significa (como o equivalente latino Dite) “rico”...

O *RSS* constitui-se como um tratado de teor polémico contra os ensinamentos de Prisciano, um dos grandes gramáticos da antiguidade tardia, visto que este gramático, tendo embora tratado a questão no livro xvii das *Institutiones Grammaticae*, o fizera, na opinião do humanista, de forma incompleta e infeliz. O propósito de Valla, neste opúsculo, é criticar as regras de emprego de *sui* e *suus* fornecidas por Prisciano, e propor as suas próprias regras, baseado no uso que dessas formas fazem os autores latinos. O opúsculo em questão obedece, por isso, a este objectivo: seguindo de perto o texto de Prisciano, que em seguida vai criticar, a exposição de Valla contém inúmeras e, por vezes, longas citações daquele gramático latino. Além de discordar da terminologia utilizada por Prisciano, Valla censura-o por ter retirado as suas regras de autores gregos, quando deveria tê-lo feito a partir de autores latinos, porquanto é sem comparação o grau de complexidade da matéria nas duas línguas. À parte estas discordâncias, Valla tinha consciência de que também os humanistas se sentiam perplexos quanto ao emprego correcto das formas *sui* e *suus*, daí que tenha composto o *RSS* para dar remédio a tais dificuldades. Já no final do opúsculo (na peroração), Valla regozija-se por ter sido capaz de sair com êxito do labirinto de Creta em que se metera.

Na opinião de Elisabet Sandström, Lorenzo Valla pode não ter sido um grande inovador em matéria de teoria gramatical e pouco alterou da terminologia dos seus predecessores. A sua inovação consistiu em ser capaz de se libertar dos preceitos gramaticais dos que o precederam, formulando regras baseadas no uso dos antigos. Ele foi o primeiro a estabelecer normas para o uso do pronome reflexo em proposições independentes e essas são praticamente as que actualmente se encontram nas gramáticas latinas (pp. xli-xlii). “Ses oeuvres”, diz (p. xlvi), “contribuèrent à fixer la norme classique du latin des générations suivantes.”

No capítulo dedicado ao estabelecimento do texto, a exposição sobre o arquétipo e os três ramos da tradição é muito esclarecedora e está persuasivamente justificada com profusas referências a passos do texto especialmente dignos de nota. Para se ter uma ideia do material que foi utilizado para a elaboração da presente edição crítica, diga-se que a tradição manuscrita é constituída por dezanove manuscritos que remontam a um arquétipo comum, enquanto as edições impressas da obra ultrapassam o número de cem, das quais foram estudadas cinquenta e sete, distribuídas por duas famílias. Quanto à edição crítica propriamente dita, revela bastante rigor na sua realização, e a autora não se exime a explicitar os passos de mais difícil decisão (casos de provável lacuna ou acrescento), que são comentados e justificados em nota à tradução. Esta, por sua vez, tendo como escopo fazer com que o texto de Valla aceda a um público mais vasto (e não exclusivamente a um público especialista), é de grande fidelidade ao original e, simultaneamente, de grande clareza. A finalizar, registre-se o extremo cuidado posto na correcção do texto apresentado, que se pode considerar isento de galhas.

Em suma: estamos perante um trabalho de inegável qualidade científica, não apenas na sua componente teórico-descritiva (na introdução), como na sua vertente mais eminentemente prática (edição crítica e tradução). Conhecer ou revisitare o *De reciprocatione 'sui' et 'suus'* de Valla nesta edição permitirá, sem dúvida, aos que tenham interesse e dúvidas sobre esta matéria, aprofundar, guiados pelas reflexões do grande humanista, um assunto gramatical que ainda hoje é fonte de muitas perplexidades, sobretudo quando se tem a difícil tarefa de (o) ensinar.

Virgínia Soares Pereira

LÓPEZ GRIGERA, Luísa, *La Retórica en la España del siglo de Oro: teoría y práctica*, Ediciones Universidad de Salamanca, 1994, 189 pp.

Nos últimos anos, a investigação das disciplinas da filologia e da estética literária têm-nos habituado a uma justa revalorização da Retórica, essa milenária disciplina que, como sabemos, foi um dos eixos fundamentais da formação humanística desde a Antiguidade grecolatina até à formação do homem moderno. E se em pleno Renascimento, com Petrus Ramus, assistimos à quebra da unidade *res et uerba*, não faltaram prontos esforços – sobretudo da parte dos jesuítas – por recuperar a unidade perdida, aquela que fazia da Retórica a disciplina que ensinava a organizar o pensamento e a exprimi-lo adequadamente. Prevaleceu no entanto a tendência para identificar a Retórica apenas com a segunda função, e ainda hoje associamos predominantemente a Retórica ao ornato, com seus numerosos tropos e figuras.

O que nem sempre acontece é recordar que a reflexão das retóricas renascentistas sobre a elocução não foi sempre a mesma, nem as suas diferenças têm que ver simplesmente com platonismos, nem aristotelismos – como pensam autores como M.A. VÁZQUEZ MEDEL (*Historia y Crítica de la reflexión estilística*, Sevilha, 1987) – mas constituem antes grandes correntes retóricas, como ciceronianismo, ramismo, hermogenismo, etc. É esse o fio condutor da obra de Luísa López Grigera, que em dois anos conheceu duas edições. Nela se reúne um grupo de trabalhos elaborados nos últimos dez anos, já publicados uns, outros ainda inéditos, de importância e originalidade assinaláveis, que pretendem apontar a existência simultânea de diferentes estilos literários na Espanha do século XVI.

Embora não obedeça a um plano previamente estabelecido, o livro acabou por ser construído com certa unidade. Parte da constatação dos distintos estilos literários no século de Ouro espanhol, para reconstruir as sucessivas teorias elocutivas que os sustentam. Detectado o fenómeno dos diversos “*cambios de norma*” estilísticos na prosa áurea, explica a autora, impunha-se buscar as respectivas causas: as teorias retóricas, especialmente no capítulo da *compositio*, apresentaram-se como a raiz teórica de tal fenómeno (p. 10).

O livro divide-se em duas partes. A primeira estuda alguns aspectos diacrónicos das teorias retóricas presentes nos tratadistas do Renascimento espanhol. Na segunda